

ENTREVISTA COM OS AUTORES MIKAEL C. PARSONS E JOÃO B. CHAVES

André Neto

RESUMO: O livro *Lembrando Antônia Teixeira*, de Mikael C. Parsons e João B. Chaves, transcende o acadêmico ao abordar a violência do passado e a resistência que inspira esperança. Professores da Universidade de Baylor, os autores exploram uma História Transnacional, conectando lugares como Texas, Alagoas e Bahia, e destacam Antônia Teixeira, filha do primeiro pastor batista brasileiro, antes pouco lembrada na historiografia. A entrevista, aqui adaptada para clareza, traz reflexões inéditas sobre a História Batista Brasileira, oferecendo ao leitor uma oportunidade única de conhecer esses relatos transformadores.

PALAVRAS-CHAVE: Antônia Teixeira, História Batista Brasileira, Mikael C. Parsons, João B. Chaves.

ANDRÉ NETO: Boa tarde, aqui do Brasil, é um prazer falar com vocês, os autores dessa belíssima obra que eu tive o prazer de ler e indicar a algumas pessoas. Agradeço por esse momento, e falo em nome do Seminário Teológico Batista do Nordeste, do qual nós mandamos um abraço fraterno.

MIKE PARSONS: Obrigado pelo convite para falar com você sobre o livro.

ANDRÉ NETO: Lembrar Antônia Teixeira. Eu enviei essa pergunta para vocês por escrito, mas eu gostaria de ouvir (sobre) a escolha do termo “lembrar”, como foi? Porque, na verdade, é um assunto, uma personagem, que poucos conhecem. Como foi essa escolha de fazer essa memória aparecer, surgir essa memória?

MIKE PARSONS: Essa é uma pergunta muito boa. Porque nos Estados Unidos não tenho certeza se estávamos [...] estávamos realmente nos lembrando dela também. Então, no sentido de lembrar, acho que, pelo menos do meu ponto de vista, a palavra inglesa significa trazer de volta à mente algo que foi esquecido, e houve um tempo em que a história dela era conhecida, há 140 anos. Mas então, nesse sentido a história não foi apenas esquecida, mas foi ativamente apagada da memória institucional da Universidade e da Convenção Batista, então, nesse sentido, ela foi lembrada no sentido de recuperar. Não sei se existe um sinônimo em português que corresponda à diferença entre lembrar e recuperar. Portanto, há um sentido em que esta é uma missão de resgate e recuperação, diríamos em inglês, para trazer esta história de volta ao foco, onde ela não foi apenas esquecida, mas na verdade ativamente apagada.

ANDRÉ NETO: É muito interessante essa recuperação. Fica clara a necessidade que a História tem de fazer lembrar, no caso, algo que foi ativamente apagado, foi um apagamento institucional - e vocês colocam isso no texto. Como foi esse trabalho - e vocês estão em Baylor - e como foi apresentar isso, essa recuperação, à própria instituição que ativamente apagou a história de Antônia Teixeira?

MIKE PARSONS: OK. Portanto, a história maior é, claro, Baylor, como muitas outras instituições nos Estados Unidos

nos últimos anos, e Baylor é uma espécie de retardatário (que) têm lutado com a sua cumplicidade e envolvimento com a instituição da escravatura e as suas origens. E assim, como parte dessa tentativa de desemaranhar a história de Baylor e de seus fundadores, muitos dos quais possuíam pessoas escravizadas, fiquei interessado em uma espécie de segunda onda. Rufus Burleson é um presidente muito famoso de Baylor e eu, de certa forma, estou aqui há muitos e muitos anos e nunca tinha ouvido a história de Antônia e então comecei a investigar e percebi que essa era uma história que havia sido encoberta, por assim dizer, e quando percebi também que ela tinha raízes profundas na Missão Batista no Brasil, rapidamente procurei meu colega, que é um especialista nesse assunto, para ajudar a contar a história completa. Então essa é a origem disso. Foi parte de um esforço maior para começar a compreender como uma universidade com compromissos cristãos se conecta com esta instituição de escravidão. Vou deixar você pegar a partir daí.

JOÃO CHAVES: O Michael falou que essa história saiu desse contexto mais abrangente das Universidades americanas estarem explorando as suas próprias raízes e seus investimentos na instituição da escravatura e a Universidade de Baylor é uma dessas. Criaram um comitê para olhar as representações históricas - as estátuas, principalmente - que tem na Universidade e o Michael se interessou bastante por um dos presidentes, talvez o mais famoso dos presidentes, o Rufus Burleson, e investigando isso achou essa história de Antônia Teixeira e, enfim, ele viu que existia essa conexão com a história de missões no Brasil muito forte. Foi quando ele me contactou e nós começamos a trabalhar juntos. A recepção, para contar um pouco, Prof. André, de como tem sido, foi de apoio total. A Universidade inclusive investiu financeiramente para que essa pesquisa fosse feita e, enfim,

nós apresentamos o trabalho na Universidade, para os nossos colegas – inclusive descendentes e parentes de Burleson – e todos apoiam muito o resgate dessa história. Nesse contexto mais abrangente, dessas instituições que continuam, assim como Baylor, a tentar contar a sua história de maneira mais honesta.

ANDRÉ NETO: Como os estudantes receberam essa história não-contada? A História Econômica da Igreja Batista, a História Cultural dos Batistas e suas reais intenções ao enviar norte-americanos por todo o mundo para manter ou sustentar seu estilo de vida [...].

JOÃO CHAVES: Farei uma coisa acadêmica muito clichê e questionarei a questão. Porque me parece que você está separando a intenção real do compromisso com a violência, e não creio que os missionários tenham feito essa distinção da mesma forma. Para alguns deles, especialmente os mais antigos, a verdadeira missão de Deus incluía violência de forma muito explícita, diferentes tipos de violência, entende? Então você pode falar sobre diferentes tipos de colonialismo e história de missões, ou seja, há essa sobreposição de compromissos acontecendo, e não acho que essa distinção do que é “real” aprecie suas missões reais que quase buscam uma versão pura que não esteja enredada na confusão de ser humano. Não creio que isso seja muito útil, porque tenta, de certa forma, procurar algo que não existe para ser encontrado. Essa intenção pura, intenção única, quero dizer, é sempre mundana, confusa e cheia de múltiplos significados e necessidades. Este é certamente o caso das missões ao Brasil que fazem parte do expansionismo americano e europeu. Ao mesmo tempo, os missionários realmente pensam que estão fazendo algo que Deus lhes disse para fazer. Então essas coisas estão acontecendo

simultaneamente. Então, ao mesmo tempo que o governo brasileiro investe em trazer imigrantes brancos desde a década de 1820, entende? Para trazer - porque eles já sabem que esse sistema escravista está diminuindo... “Bem, precisamos, precisamos de forças de trabalho”. Ao mesmo tempo eles têm essa ideia de embranquecer a população. Essa ideia de que os brancos dos EUA e a Europa é um povo superior, e por causa das formas de inspiração eugênica em que pensaram sobre a raça, trazer missionários brancos iria misturá-los com populações de pele escura, e temos mais pessoas de pele mais clara, e então eventualmente iremos embranquecer a população e criá-la. Então, tudo isso está acontecendo concomitantemente. Desde a década de 1820, quando surgiram os primeiros alemães, a Igreja Luterana aparece com esses imigrantes alemães na década de 20, cerca de 20 mil deles, e depois continua. Portanto, o governo brasileiro está atuando. Este tipo de catolicismo é para esta religião, mas queremos que os migrantes brancos venham num projeto civilizacional que tenha este tipo de relação tensa com as comunidades religiosas. Portanto, havia uma lei onde você não podia fazer proselitismo com outras pessoas. Esses protestantes virão, mas vêm porque são brancos. A Igreja Católica ainda é uma coisa importante, mas o Governo está a fazer essas intenções.

Com a perda da Guerra Civil, isso também acontece, então é um empurrão e um puxão, certo? O governo brasileiro quer que esses migrantes venham, e esses migrantes querem vir, porque o Brasil continua tendo a propriedade escravista como mão de obra, mantendo o país assim por 20, alguns anos a mais, 23 anos a mais do que após o fim da Guerra Civil. Então eles vieram. Eles são sacerdotes. Milhares deles vêm não só para o Brasil. Alguns deles também vão para o México, por exemplo. Mas o Brasil é o lugar principal por-

que existe essa intensidade, esse incentivo do Governo, mas também é essa imaginação que “podemos recriar o Velho Sul no Brasil”. O problema com isso é que naquela época, por volta de 1880, ou 1860, uma parcela muito pequena e cada vez menor da população negra brasileira estava realmente escravizada, muitos deles já eram livres. E então isso continua acontecendo. Temos a Lei do Ventre Livre, a dispensa da escravidão [dos sexagenários], quero dizer, tudo isso para dizer que há muitas coisas diferentes acontecendo. Mas as pessoas religiosas leem frequentemente esses grandes eventos históricos religiosamente. Assim, ainda podemos dizer que Deus estava trabalhando em tudo isso. Quero dizer, as pessoas religiosas fazem isso com muita frequência.

De qualquer forma, é um longo caminho para dizer que há um cenário complexo acontecendo e que esses imigrantes formaram as primeiras igrejas batistas lá, mas eles o fazem em enclaves predominantemente brancos porque percebem que o Brasil tem muita diversidade racial. Enquanto no Sul [dos EUA] eles têm uma linha mais clara, também havia diversidade racial. Havia também homens brancos amando, não só agredindo sexualmente, mas amando mulheres negras, e vice-versa, eles fizeram um esforço melhor, mais intenso, para esconder o que estava acontecendo ali também. Mas, no Brasil, foi aberto e isso os deixou um pouco desconfortáveis. Eles criaram esses enclaves, enclaves étnicos, e é daí que vêm essas primeiras igrejas, e depois os missionários. Ah, você tem... Você tem Thomas Bowen vindo da Nigéria antes mesmo que a raça se torne um problema. Mas esses missionários pensam assim.

Então, o esforço missionário naquela época especificamente, mas também em outros tempos, é também um esforço civilizacional. Para eles, civilizar, através do qual quero dizer, dar forma à vida social das pessoas com o que elas consideram ser uma

forma mais elevada de ser, é obra de Deus e isso cria todos os tipos de problemas, entende? Portanto, [a questão] racial é relevante porque existem [ideias de] superioridade racial e suposições raciais. Mas eu... o que não estamos dizendo, porém, é que esses missionários importam o racismo para o Brasil. O Brasil já é profundamente racista, certo?. Então, todas essas coisas estão acontecendo. Eu tentei responder algumas partes da sua pergunta, mas vou deixar Michael dizer mais alguma coisa.

MIKE PARSONS: Então... sim, concordo com tudo o que o João disse. Quando os missionários chegam, quando os missionários batistas chegam dos EUA, eles estão trazendo não apenas o evangelho, eles estão trazendo o evangelho envolto na cultura da qual foram enviados, porque o evangelho é sempre transmitido em guarda cultural. E acho que parte da questão, claro, é [que] a recontagem dessa história da Missão Batista no Brasil é contada de uma forma particular, e é contada de uma forma que tira algumas das coisas que João está falando: as questões econômicas, as questões raciais, para que os missionários batistas brancos tornem-se os heróis da história. Nos Estados Unidos, na verdade, você sabe, temos ruas aqui com os nomes desses missionários, e penso nas suas motivações, na medida em que eles os compreenderam. onde eles queriam compartilhar o evangelho, e foi isso que eles tentaram fazer. Mas foi feito, como sempre se faz, com a frágil condição humana. E assim, a narrativa da história, quero dizer, a Missão Batista é a de maior sucesso no Brasil, a de maior sucesso no mundo, mas ela é contada de uma forma que diminui o papel que Antonio Teixeira.

O ex-padre participa nisso, e nas formas como alguns dos outros nativos que participaram, não creio que a missão teria sido tão bem-sucedida se não tivesse sido bem-sucedida em termos de número de pessoas que entram para a igreja, se não

fosse pelo fato de você ter tido a cooperação de alguém - uma personalidade como Antônio Teixeira. O ex-padre, que era uma figura conhecida, quero dizer - João escreveu sobre isso de forma muito poderosa na primeira metade do livro - e ele vem com sua habilidade no trato com a mídia, ele conhece o idioma, ele é mais educado que os missionários brancos que vêm para o Brasil, e ainda, quando você, quando a história é contada por Crabtree e outros em inglês, são os Bagby's e os Taylor's que são os heróis da história, certo? Então há uma espécie de branqueamento da história, está correto, João?

JOÃO CHAVES: Acho acertado e obrigado por isso. E a única coisa que eu acrescentaria, que eu acho que faz parte da sua pergunta, professor André, é porque você pergunta sobre os alunos, certo? E como eles reagem. Acho que as pessoas certamente estão ok em contar a história. O que eles são menos ok é quando você pergunta sobre as implicações contemporâneas dessa história e, quero dizer, que é difícil negar em nosso contexto que essa história aconteceu. Nós podemos... você conhece a história da escravidão e todas as coisas que vêm com ela, que é a história da formação do mundo moderno, em alguns aspectos, do cristianismo, entende? Do capitalismo, você sabe, e do colonialismo, uma espécie de suporte. A formação estrutural do nosso mundo nas Américas. Mas, mas tão racialmente, o cristianismo e o capitalismo são nossos pilares fundadores. Mas, se você contar a história, acho que as pessoas estão abertas para ouvir. Acho que, pelo menos na minha experiência, me pergunto qual é a experiência de Michael, mas quando deixamos de contar a história e perguntamos: Como a história nos afeta hoje? Quais são as estruturas ao nosso redor que ainda organizam nossa vida de maneiras que estão profundamente conectadas com essa história? Acho que essa pergunta é a mais desconfortável de se fazer.

ANDRÉ NETO: Como foi a dinâmica de vocês dois, da escrita? Não temos a autoria por capítulo, então como a dinâmica de pesquisa, de redação e, no final, de revisão até chegar a esse formato do livro?

MIKE PARSONS: Oh! Bem, do meu ponto de vista, a escrita. Escrevi várias coisas com outras pessoas, então tive coautores. Escrevi com minha esposa. Escrevi com ex-alunos. Portanto, tenho muita experiência em coescrita, mas com João a coescrita foi notavelmente tranquila. Nossos estilos de escrita, eu acho, são muito semelhantes.

O domínio da língua inglesa por João é surreal para mim. É excelente! Portanto, não houve muita necessidade de reescrever. Acho que tivemos um editor profissional que examinou o livro e fez recomendações para cortes e reescritas, mas a maior parte disso foi para mim e não para João, pois ele se lembrará de partes do livro que precisavam ser secundárias. Então, para mim, foi encontrar alguém que soubesse algo sobre parte desta história que eu não soubesse e que tivesse as competências linguísticas para investigar os documentos primários. Então foi uma história difícil de contar, mas contar a história, em termos de escrever com outra pessoa foi muito fácil, em termos de podermos trabalhar juntos. Enviamos capítulos um ao outro, fizemos comentários, tentamos torná-los um todo coerente. O livro tem duas metades, mas a verdade é que eu escrevi parte da primeira parte e o João escreveu a segunda. Portanto, há uma sobreposição dessas partes que, acho, ajuda a manter a coerência da história. Então, sim, achei que fiquei muito satisfeito. Não temos duas histórias que acabaram de ser costuradas, acho que é uma história contada de forma coerente. E sim, para essa parte do processo de escrita, eu fiquei realmente muito feliz, e João ficou. Terminamos cerca

de um ano antes do que pensávamos em termos de escrita, porque ambos trabalhamos nisso com muita diligência e o concluímos rapidamente.

JOÃO CHAVES: Sim, não, eu concordo com isso. Vou adicionar. O detalhe é que eu estava apenas tentando alcançar Michael. Michael é um escritor muito bom e muito rápido. Ele tem mais livros do que cabem nesta sala - só estou sendo um pouco hiperbólico. E então eu estava tentando acompanhá-lo, e então ele se inscreveu também, e muito gentilmente colocou meu nome lá como colaborador dele, para uma bolsa de US\$25.000 na Universidade, que a Universidade de Baylor deu, eu era um estranho, na época, na Universidade [de Baylor], eu estava em outra instituição. E isso me permitiu ir algumas vezes ao Brasil, e aí arquivistas abriram... durante a Covid mesmo. Assim, quero dizer, eles abriram arquivos para eu pesquisar. Fui para Maceió e Recife, e outros lugares meio que tentando encontrar a Antônia. Não quero revelar muito, mas quem ler o livro verá que encontramos partes de Antônia. Existem partes [da história] de Antônia para serem encontradas e esperamos que isso aconteça. E sim, então escrevemos, em termos de escrita, nós escrevemos partes de um todo, como Michael disse, em todas as partes.

De um modo geral, a parte de Antônia é realmente o trabalho de Michael em termos da maior parte da pesquisa e da escrita. E a parte de Antônio, então, a maior parte da primeira seção, você sabe que é muito do meu trabalho. Mas ele tornou meu trabalho melhor, e tentei acrescentar algumas coisas ao que ele estava fazendo. E como foi mencionado que contratamos um editor para fazer isso, e a Editora, Recriar, e depois tivemos um assistente. Um pastor brasileiro, que estava no seminário na época, ajudou a traduzir o livro. Eu fui e

fiz algumas traduções também. E aí ele foi até os editores da Editora Recriar, que realmente fizeram um trabalho muito bom e em conexão, vocês sabem, estamos indo e voltando com eles fazendo isso. E ele foi muito bom, e Erdmans, nosso editor, fez um trabalho maravilhoso na negociação dos direitos de publicação em português. Originalmente, este livro foi escrito pensando em ambos os públicos. O que muitas vezes temos é um livro escrito em inglês para um público que fala inglês, mas já escrevemos este desde o início, querendo que ambos os públicos tivessem acesso ao livro, sabendo que partes diferentes da história poderiam ser mais ou menos importantes para cada público. Mas é uma [única] história.

MIKE PARSONS: Há um sentido em que a versão em português, a estrutura dela, onde extraímos o depoimento da Antônia logo no início por insistência de um dos editores, provavelmente é uma apresentação melhor que a versão em inglês, eu acho que é justo dizer. Eu gostaria que as fotos estivessem na versão em português, mas acho que a estrutura do livro é provavelmente apresentada de forma mais poderosa em português do que em inglês. Pelo menos essa é a minha percepção.

JOÃO CHAVES: Sim, eu concordo. E a sugestão dos editores da Recriar foi colocar um interlúdio entre a parte um e dois. [É] nesse interlúdio que você pode ler a própria Antônia, ou o mais próximo do que conseguimos alcançar a voz da Antônia. Então você tem isso primeiro e depois a história. Então você tem o pano de fundo e a história missionária e a história de Antônio e depois você tem acesso às palavras de Antônia, ou o mais próximo que conseguimos, e depois à fonte. Então essa é a diferença na versão em inglês, esse interlúdio está junto com os apêndices no final. Então é diferente.

ANDRÉ NETO: Eu fiquei muito impressionado com algumas partes de Antônio Teixeira, da sua história antes dos batistas, especialmente das acusações e talvez da realidade da questão da sua esposa e da sua família, mas o que me moveu, - e essa é a minha pergunta - se também foi um susto ou um espanto, ouvir a voz de Antônia? Como foi isso para vocês? Foi também um choque ouvir a voz de Antônia nos relatos, especialmente nos documentos médicos, nessa apuração?

MIKE PARSONS: Então, deixe-me começar com o uso de especialistas. Os especialistas médicos. Eu percebi quando recuperamos os documentos legais, as transcrições dos depoimentos, que as pessoas conversavam sobre essa história antes, mas aparentemente ninguém se preocupou em ir ao tribunal e ver o que havia lá. E quando eu descobri que havia uma terminologia que eu simplesmente não entendia, e acontece que temos um professor de direito aposentado que é especialista em Direito do Texas do século XIX, então ele foi capaz de desvendar um pouco disso. Na verdade, eu tinha procurado outro advogado em Waco, que era formado em história, que queria ajudar, mas os sócios *seniors* de seu escritório de advocacia estavam com medo de que Baylor ficasse chateado e por isso, não deixaram. Quando ele contou a eles sobre isso, o tiraram da consulta, mas acabamos contando com um advogado que sabia muito mais. E os médicos - de novo - eu não conseguia avaliar os depoimentos médicos que eram conflitantes. Então temos dois médicos forenses, pediatras que testemunharam.

Então, foi importante ter depoimentos de especialistas avaliando o material. Mas em termos do impacto pessoal para mim, sim, tive a mesma experiência que você, professor André: que admirei o Antônio Teixeira, quer dizer, o que ele era ca-

paz de fazer, mas a história de Antônia, que foi o que me colocou nisso, foi realmente impactante. E eu diria a mesma cena que você apontou, foi a cena que achei mais emocionante, que uma jovem com idade entre 14 e 18 anos estava abordada por três homens brancos na varanda da casa do presidente e confrontada, ela se manteve firme. Na verdade, ela desafiou o agressor a negar tê-la agredido. Portanto ela era uma mulher, uma imigrante que não sabemos até que ponto ela tinha facilidade na língua inglesa, presumivelmente ela, sabe, foi aprendendo com o tempo, mas ela era... ela era uma força como uma jovem mulher e tinha tudo contra ela: as pessoas poderosas em Waco, o establishment de Baylor [...].

A única pessoa com poder e influência do lado dela foi W. C. Brand, o jornalista, e não tenho certeza de quanto ele realmente investiu na história dela - ele aproveitou a oportunidade para criticar a instituição. Havia uma mulher que a acolheu, acho que era realmente uma amiga. Uma outra amiga, eu acho, foi Kate Taylor, a missionária. Acredito que ela insistiu para que Antônia viesse para os Estados Unidos para escapar da pobreza que se criou com a morte do pai. Mas Kate, como você sabe, morreu alguns anos depois de ter um tumor cancerígeno. Então ela estava realmente sozinha, e o fato de ter conseguido sobreviver [...] tínhamos alguns alunos que, quando apresentamos [...] esta [estudante] em particular, lembro-me, que disse ter se inspirado na história de sobrevivência. Aqui está uma mulher que sobreviveu, você sabe, sobreviveu a uma agressão sexual, e essa história, eu acho, ressoa em muitos de nossos alunos. Muitos dos quais já o sofreram... são vítimas de algum tipo de agressão sexual. Então, sim, achei a história dela profundamente perturbadora em termos de como ela foi tratada em termos de xenofobia, racismo, sexismo e, ainda assim, inspiradora no sentido de que ela foi capaz de sobreviver, e você sabe, esperamos que tenha sobrevivido. uma vida que de alguma forma estava florescendo.

Não saberemos. Não acho que passaremos de onde estamos no livro. Mas quem sabe?

ANDRÉ NETO: Eu tenho uma filha. Ela tem 8 anos de idade. Quando eu li a história de Antônia eu olhei para minha filha e pensei “Bem [...] como eu posso prevenir que isso aconteça com ela um dia?” Porque ainda existe uma cultura misógina [...] No Brasil temos um número elevado de agressões sexuais nas universidades, no corpo docente, nas escolas e dentro das famílias também. Eu confesso que fiquei perturbado, causou uma certa ansiedade com esse texto [...] é tão poderosa a descrição das feridas. Como ela sofreu [...]. Então, eu fiquei muito impressionado com esse texto.

MIKE PARSONS: Eu realmente acho que o primeiro passo é trazer essas histórias da escuridão para a luz e depois responsabilizar as pessoas. Houve um relatório devastador divulgado enquanto escrevamos esta história pelos Batistas, o número de clérigos batistas que participaram de agressões sexuais ou participaram do encobrimento delas... e isso veio à tona no final. Eu acho que enquanto João e eu estávamos escrevendo o livro, tivemos que voltar e reconhecer que isso havia acontecido. Isso fazia parte do contexto mais amplo. E é claro que houve um escândalo terrível na própria Universidade, onde havia mulheres que tinham sido agredidas por colegas estudantes. E então essas histórias têm que ser contadas, e não apenas contadas como deveriam, mas temos que ser responsabilizados pelo nosso envolvimento nelas. Seja qual for o nível.

ANDRÉ NETO: A Convenção Batista do Sul (SBC) recentemente por causa desses casos e eles encobriram o envolvimento de pastores e diretores. Então, nestes dias nós podemos ver as mesmas ações na SBC para preservar a instituição em detrimento das pessoas, das pessoas e das mulheres. Como este

texto, este livro, pode ser parte de uma mudança nessa cultura da SBC?

JOÃO CHAVES: Quero fazer uma longa tentativa aqui, mas Michael pode falar sobre isso com muito mais autoridade. Eu não... Eu não penso muito sobre a mudança da cultura da SBC. Espero que as instituições que podem fazer melhor, façam melhor. Ao mesmo tempo, parece-me que, embora haja tantas pessoas na SBC, é difícil generalizar. Seria irresponsável, mas acho que eu falei com presidentes das principais escolas da SBC que disseram muito claramente o quão desconfortáveis eles estão e o quão improdutivas eles acham que são algumas histórias como essa. Alguns... todos eles acham que essas histórias precisam ser mantidas em segredo, ou pelo menos não exploradas mais, precisamente porque isso potencialmente mancha uma instituição que já está diminuindo. Eu ouvi isso de líderes institucionais no Brasil também, entende? Que esse tipo de bolsa de estudos traz críticas a uma instituição que precisa ser elevada. Podemos cuidar dessas coisas, mas ao mesmo tempo preservá-las [...]. Então, quero dizer, ao mesmo tempo, quero dizer [...] eu entendo - embora eu não concorde - mas entendo que muitas vezes esses oficiais são colocados nessas instituições para preservá-las, mantê-las, e contar essas histórias é uma ação difícil. Vou dizer apenas uma última coisa e voltar a algo que Michael disse: Lembre-se de que o amplo contexto, em que também estamos contando essa história, é um contexto em que as instituições sancionaram que essas histórias sejam contadas. Nem todas as instituições sancionam. As universidades, certamente, estão fazendo isso direito. Então, não estamos fora disso necessariamente ou imunes a esse tipo de coisa. Então, o problema com isso é que a narração das histórias foi cooptada pelo bem-estar institucional. É assim que terminamos o livro. Certo? Falar

sobre mitos de bondade institucional, contar histórias obscuras também se tornou parte de um mito, porque contar a história nem sempre equivale a mudar estruturas. Você pode contar a história para, de fato, legitimar não mudar isso. Então fica complicado. Mas para sua pergunta sobre a SBC, mais particularmente. Eu não estou na SBC, a Baylor University não está na SBC e Michael não está na SBC. Então, quero dizer, nós entendemos que nossas histórias se cruzam, se sobrepõem e se alinham com as histórias da SBC em um ponto, mas não estamos escrevendo isso como pessoas que são internas a ela. Mas eu me pergunto o que Michael tem em mente.

MIKE PARSONS: Não, acho que está certo. Acho que esse mito da bondade institucional - a tentação de preservar isso em qualquer forma que assuma - pode ser insidiosa, pode ser prejudicial porque fazemos isso colocando em risco os mais vulneráveis entre nós. E se não levar... se contar essas histórias não levar à mudança. então João está certo. É só contar a história, talvez para nos fazer sentir ‘melhor’, que nós “oh, não estamos mais fazendo isso”. Mas ainda estamos fazendo isso. E não é só batista, claro - quero dizer, meu Deus! Tivemos a renúncia do chefe da Igreja Anglicana basicamente por causa de um encobrimento, ou pelo menos, uma negligência em lidar com histórias que seriam prejudiciais para a narrativa dela para a comunhão.

Então é um problema que não desapareceu, e que tem que ser, eu acho, contado e recontado e recontado, onde eu encontro alguma esperança está na resposta dos alunos à narrativa da história, que, eu acho, estão justamente indignados com isso; E eles são os únicos, você sabe, esta próxima geração que vai ter que fazer isso. Não que tenhamos que fugir da nossa responsabilidade. Nós também temos responsabilidade, mas os

problemas contínuos têm que ser abordados pelas gerações que estão surgindo. Os alunos que estamos ensinando, por assim dizer.

ANDRÉ NETO: Eu gostaria de fazer um comentário porque eu fiquei imaginando na biblioteca do Seminário se nós tivéssemos 5, 10 exemplares deste livro e fizesse parte, eu gostaria que fizesse parte da bibliografia dos cursos de História dos Batistas. Eu sou professor de História dos Batista... e meu mestrado também foi em cima de uma igreja que teve um certo apagamento da sua história, a Igreja Batista Nazareth, em Salvador. E eu fico imaginando como seria se esses materiais, esses textos estivessem nos cursos de História dos Batistas aqui no Brasil, qual seria esse impacto. Será que a gente não conseguiria promover, como há no livro, que foi instituído um comitê para poder observar esses casos e outros, mas aqui, no Brasil, isso está muito inicial, muito incipiente; será que ter esses exemplares nas bibliotecas não somente nos seminários, mas das universidades, será que não seria um passo pra gente poder pensar sobre, não somente a violência sexual, mas também outras violências que são cometidas, né? Para que a gente possa evitar a existência de “outras Antônias”, porque infelizmente há. Há muito desconhecimento e isso ajuda a manter essa situação.

MIKE PARSONS: Você quer responder essa ou [...].

JOÃO CHAVES: Quer dizer, acho que concordo. Por um lado, por outro lado acho que esse currículo se tornando mais complexo e mais crítico é uma coisa boa. Podemos ver hoje que o esclarecimento, a esperança da razão e da educação consertar nossos problemas sociais, que parecem ser meio que pelo menos ter uma sombra nessa esperança é algo que não é tão fácil. Nossas convicções são muito mais

emocionais do que intelectuais, essas coisas se sobrepõem. E então concordo que isso é uma parte. Precisamos expor as pessoas a essas histórias, mas as pessoas não mudam suas convicções tão facilmente quando são apresentadas a novas informações. Então, o cenário, o cenário pedagógico em que esses textos estão envolvidos são importantes porque, você sabe, se uma pessoa pode ler coisas críticas e depois voltar para uma fé e comunidade familiar que nega totalmente isso, é mais difícil para a pessoa se desvincular do compromisso emocional com essas comunidades por causa de novas informações do que de outra forma.

Então, acredito que a educação é uma coisa importante. Acho que o currículo é uma coisa importante, mas também acho que precisamos estar continuamente cientes do fato de que não basta introduzir novas informações. Estamos cientes disso, mas isso nem sempre se traduz em práticas pedagógicas, e essas são mais uma preocupação que tenho do que uma solução que posso oferecer. Gostaria de poder. De certa forma, é nossa situação. Então, acho que é um bom passo. Não sei se é um passo suficiente, e me pergunto o que Michael acha já que ele faz isso há mais tempo do que eu.

MIKE PARSONS: Bem, eu concordo. Eu acho que a educação é e pode ser transformadora, isto é, que a formação moral das pessoas pode ser profundamente afetada pelo que elas aprendem, mas isso tem que ser feito de uma forma multifacetada. Então, quando recebemos a bolsa, uma das - e ainda não conseguimos alcançar isso - uma das coisas que ainda espero que aconteça - nos encontramos com pessoas no que chamamos de vida estudantil. Então não era apenas o currículo. Era o que os alunos estavam fazendo extracurricularmente. Então, propusemos fazer alguns workshops onde tivemos no passado, por causa de

algumas coisas que aconteceram no campus, um treinamento para os alunos sobre como lidar com as desigualdades de abordagens por pessoas ou agressões sexuais, "Título IX", como chamamos neste país, onde as pessoas foram transgredidas. E eu acho que usar algo assim como um estudo de caso histórico faz duas coisas: Cria alguma distância para que os alunos possam olhar para isso, e não ficar imediatamente na defensiva, mas também os apresenta à história, que é importante saber como parte da história da instituição. Então, isso é algo que eu acho que precisa ser trabalhado, não apenas no currículo, mas em parceria com outras entidades na Universidade, nossa universidade e outras universidades, que são responsáveis pela vida estudantil.

Então, você sabe, nós temos os alunos 15 horas por semana em sala de aula, eles fazem muita coisa fora da sala de aula. O que estamos fazendo em termos de fornecer oportunidades para que eles se envolvam com esse tipo de material de maneiras ponderadas em grupos de alunos, na vida estudantil fora da sala de aula, eu acho, é outra peça do quebra-cabeça que precisa ser trazida para essa luta contínua, por assim dizer, para sermos pessoas de fé entendendo que há muitas questões complicadas que temos que atender, e não podemos simplesmente... A tentação é sempre, eu acho, pelo bem da instituição. E se você sabe, se você está no comando da instituição, você quer a Instituição. Era isso que estava motivando Burluson. Ele não queria perder alunas na escola, O Conselho não queria perder alunas, e estavam. No entanto, eles estavam dispostos a sacrificar uma aluna marginalizada pelo bem do que eles achavam ser o bem maior. Às vezes, o bem maior não é atendido se você faz isso às custas dessas pessoas mais vulneráveis.

ANDRÉ NETO: Eu fiquei - não sei como você vai traduzir, João - com gostinho de quero mais, porque no final a história

de Antônia vai assim, num fade out, vai sumindo e a gente não sabe o paradeiro de Antônia e fica aquele gostinho de “ela conseguiu se recuperar?” Eu sei que não é a intenção do texto de vocês, mostrar que ela teve um final feliz, mas isso mostra a dificuldade de fazer História, de trabalhar com História: a limitação dos documentos, a limitação da preservação dos documentos, e eu queria ouvir vocês como foi essa busca por Antônia nos arquivos aqui no Brasil, aí, nos Estados Unidos, se ficou alguma coisa que ficou assim “falta essa peça pra encaixar e a gente não tem no texto, a gente não tem o documento” e encerrar ou suspender essa pesquisa, dizendo “a gente não tem mais Antônia, a gente não sabe dos filhos dela, de um novo casamento [...]”.

MIKE PARSONS: Obrigado. Essa é uma ótima pergunta. Originalmente, a história terminava quando Antônia foi para Memphis. Então ela - alerta de spoiler: se você estiver assistindo [o vídeo da entrevista] e não quiser saber o final. Mas ela se encontrou com os advogados de defesa e retratou seu depoimento e Debbie C. Brand acha que ela era... o júri. nós chamamos isso de júri empatado, então eles tiveram que ter outro julgamento. E, nesse meio tempo seu filho morreu, e eu acho que ela simplesmente não queria passar por essa provação novamente. E eu acho que, W. C.; Brand diz, e eu acho que ele provavelmente está certo, ela recebeu uma oferta de transporte de trem para Memphis, Tennessee. Por que Memphis? Nós não sabíamos. Temos um colega que é de Memphis. Então nós a contatamos, e ela nos colocou em contato com um arquivista em Memphis que fez algumas pesquisas, e vejam só! Ele encontrou artigos de jornal que Antônia tinha aparecido em Memphis a convite de um homem que morava em Waco e que queria se casar com ela, mas aparentemente não queria se casar com ela. Ele não apareceu na estação de trem.

A polícia teve que levá-la para a casa dele. Ele deixou Memphis, acho que acabou voltando para Waco. Não sei se ele estava falando sério ou não. E então a história terminou em Memphis, onde ela estava sob os cuidados das irmãs de uma instituição de caridade Good Shepherd. E então, como um último suspiro, escrevi para um grupo em Washington, DC, que fizeram pesquisas de arquivo e encontraram uma certidão de casamento cujo nome estava escrito errado, é por isso que não a encontramos. Então, ela acabou voltando para Waco e se casando com alguém de Waco, o que eu acho que corrobora o que o biógrafo de Antônio [Teixeira] disse sobre ela, mas então a trilha se perdeu. Então, eu adoraria saber o que aconteceu com Antônio. Ela, de fato, voltou para o Brasil e visitou a família, como eu acho? João é um dos que acham que não voltou, os biógrafos sugerem que ela pode ter voltado e visitado, mas é aí que a história simplesmente esfria para nós, depois desta certidão de casamento. Não sabemos realmente o que aconteceu com ela. Ela teve filhos? Ela teve outros filhos? Ela ficou nos Estados Unidos, etc? Eu não sei. João, se você quiser falar sobre isso.

JOÃO CHAVES: Não, não, acho que isso é bom. Quer dizer, nós viramos todas as pedras que sabíamos. Quer dizer, há perguntas sobre a idade dela também, certo? Então há perguntas em ambas as pontas. Quer dizer, eu fui a um período na história brasileira em que muitos desses registros eram mantidos nas paróquias onde as pessoas nasciam. Então eu fui às paróquias. Fui aos arquivos no estado onde ela nasceu, em Alagoas, e quero dizer, e procurando, quero dizer, não estava lá. Então a outra coisa que não conseguimos. Verdadeiramente, temos indicadores que nos permitem ter um palpite médio, mas mesmo a idade dela é algo que não conseguimos encontrar o começo ou o fim de algumas maneiras. Mas nós olhamos Michael, quero dizer, muito mais do que

eu, mas eu também olhei para diferentes genealogistas e coisas, e ela não está lá agora, o nome Betty Antunes, que muitos dos expectadores e ouvintes aqui podem estar familiarizados, na verdade, quando ela escreveu a biografia de Antônio, ela nem sabia o nome de Antônia. Ela simplesmente a chamou de "primogênita", certo? Primogênita.

Mais tarde, quando ela escreve "Centelha em Restolho Seco", um livro posterior, ela tinha vindo para Baylor, ela descobriu o nome de Antônia no Arquivo de Baylor, o que significa que ela provavelmente sabia do escândalo, então não menciona isso e Betty... se você ler Betty Antunes Oliveira, ela é como uma detetive. Ela vai atrás de fontes primárias e ela apenas se mantém no caminho. Ela frequentemente não menciona alguns detalhes, então é uma questão, quer dizer, ela decidiu não falar sobre isso? Mas ela é tanto detetive que ela encontrou uma descendente de Antônio e foi lá para visitá-la e eles perguntaram sobre Antônia, e eles tinham uma lembrança muito tênue sobre ela indo. Casar-se com um americano, ou algo assim se casar com um americano e ficar nos EUA. E foi isso que aconteceu com ela. Mas essa pessoa nunca conheceu Antônia pessoalmente. Então, quer dizer, essa é outra parte do desconhecido. Então não sabemos para sua pergunta, Professor André, se havia um final feliz para ser dito, ou qual é esse final. Esperamos que sim.

Nós simplesmente não conseguimos encontrá-lo. E, mas talvez eu queira dizer isso. Talvez talvez isso apareça. Quero dizer, também é possível que Teixeira não seja mais um nome depois que ela se casar. Mas qual é esse nome? Certo? Quero dizer, Cook, nós procuramos, quero dizer, vamos procurar? Mas agora, quero dizer, é Antônia Cook não aparece. Quero dizer, ela não aparece, certo? Então, quero dizer, é como se tentássemos todos os tipos de cenários.

ANDRÉ NETO: É possível que ela desejasse desaparecer, esquecer o passado e começar uma nova vida com outro nome, outro sobrenome... Eu fico pensando nisso: o apagamento dela foi institucional, mas talvez, como ela também faz acordo para acabar [o julgamento] - já que o primeiro filho morreu [...].

MIKE PARSONS: Sim, eu acho que sim. Ela pode...estava pronta para ter uma vida diferente e ir embora. Ela poderia esquecer o que aconteceu? Duvido seriamente que ela pudesse esquecer. Mas ela poderia começar uma nova vida, você sabe, das cinzas do que aconteceu? Eu espero que sim. Ela certamente parecia ser uma jovem muito resiliente, com muita coragem e recursos próprios. Você sabe.

ANDRÉ NETO: Eu agradeço essa conversa e espero ter outros textos para gente ler de vocês e quero ouvir um último comentário de vocês, alguma mensagem para o Seminário Teológico do Nordeste sobre o trabalho de vocês, e agradeço em nome do Seminário e do corpo docente.

MIKE PARSONS: Quero apenas agradecer novamente por esta oportunidade de ter esta conversa e desejar a você e a todos os alunos tudo de bom, enquanto vocês continuam trabalhando com o Senhor.

JOÃO CHAVES: Igualmente para mim, agradecer o convite e encorajar os estudantes e os colegas aí, no Seminário, a entender que as complexidades da nossa História não invalidam o que há de bom na nossa trajetória. Na verdade faz o que tem de bom, melhor. É uma História complexa, mas complexidade não é necessariamente algo mau. E essas novas gerações, eu creio, num mundo que continua a ser mais complexo e mais complicado, se

beneficia em saber que nós entendemos que nossas instituições, que nossa trajetória, que nós mesmos não somos perfeitos. E confessar é uma prática cristã, que confissão é uma prática cristã muito boa e isso faz parte da nossa história também.

Acho que é importante trazer isso não como algo que ameaça ao chamado de Deus para nossas vidas, mas que nos complementa, que nos dá consciência de que essas partes de nossa história também fazem parte de nós. E isso ajuda a dar resposta para o mundo que é altamente crítico a certos aspectos da nossa igreja, inclusive que nós, muitas vezes, não somos capazes de lidar com as complexidades da História da Igreja. Então eu acho que são histórias como essa e muitas outras que ajudam a nós termos uma noção mais profunda do nosso chamado, da nossa trajetória e do nosso comprometimento institucional. A intenção aqui não é destruir o que há de bom nessa história, mas complexificar para o bem da própria Igreja. Então eu termino com isso agradecendo também o convite.